

# IV.

## NEOFASCISMO E INOVAÇÕES TECNOLÓGICAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES<sup>1</sup>

*Julliany Machado Matos*

*Fabiane Santana Previtali*

### 1. Introdução

O objetivo deste capítulo é tecer algumas considerações sobre os impactos das inovações tecnológicas no trabalho docente num contexto de novo nazifascismo, destacando como essas tecnologias, quando usadas de forma acrítica, podem contribuir para a desumanização e o controle do trabalho docente, minando a autonomia do professor/a e contribuindo para uma educação de qualidade formal apenas, isto é, com foco no alcance de métricas de desempenho sem que haja o compromisso com a formação integral do/a estudante na educação básica.

Para isso, é feita uma contextualização dentro do conceito do Ur-fascismo, conforme delineado por Eco (2016), discutindo sua relevância contemporânea, especialmente dentro dos governos de Jair Bolsonaro (2019-2022) no Brasil e Donald Trump (2017-2020) nos Estados Unidos. O advento do neofascismo ocorre de vir à tona especialmente devido às crises cíclicas do capitalismo e suas consequências políticas e sociais, conforme

---

<sup>1</sup> O capítulo é fruto dos estudos e pesquisas realizados na disciplina do Professor Doutor Carlos Alberto Lucena, Seminários de Pesquisa em Trabalho, Sociedade e Educação - Neofascismo e Educação, no primeiro semestre de 2024, no Mestrado em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na qual foram estudados a emergência e o desenvolvimento do novo nazifascismo, com a Orientação da Professora Doutora Fabiane Santana Previtali.

explica Lucena (2023, p. 1), “a emergência de sucessivas crises econômicas com severos desdobramentos políticos e sociais impactam o jeito de viver de milhões de seres humanos”.

O estudo visa alertar para a necessidade de uma abordagem crítica e humanizada na integração das tecnologias educacionais, a fim de preservar os valores democráticos e a liberdade, tendo em vista que a vilã não é a ferramenta tecnológica em si, mas sim o uso impensado que se faz dela, ou até mesmo pensado em favor de determinados interesses de classe, trazendo prejuízos para a sociedade como um todo.

A análise é feita a partir do referencial teórico do materialismo histórico-dialético e dialoga com autores como Carlos Lucena, Umberto Eco, Karl Marx, Ricardo Antunes, Fabiane Previtali e Ana Paula Sousa, entre outros, que vão partir da análise das crises cíclicas do capitalismo e suas consequências políticas educacionais. Os resultados parciais da pesquisa indicam que a integração acrítica das tecnologias educacionais pode reforçar tendências autoritárias, comprometendo a qualidade do ensino e a autonomia docente.

Como as características do fascismo se manifestam nos contextos contemporâneos dos governos de Jair Bolsonaro (2019-2022) e Donald Trump (2017-2020) e quais são os impactos das inovações tecnológicas no trabalho docente, relacionando essas práticas com a lógica do novo nazifascismo? A presença de traços fascistas nos referidos governos é abordada, explorando-se como a adoção acrítica de tecnologias educacionais pode promover a desumanização e o controle do trabalho, refletindo e reforçando a lógica autoritária e antidemocrática do novo nazifascismo.

Lucena (2023) inicia seu Relatório de Pós-doutorado explicando as crises cíclicas do capital, baseando-se nas teorias

marxistas que demonstram como o capitalismo, ao aumentar a produção e buscar a maximização dos lucros, cria desequilíbrios que resultam em crises econômicas. Essas crises, conforme argumenta Marx (2022), são intrínsecas ao modo de produção capitalista, levando à superprodução de mercadorias e à queda das taxas de lucro.

O relatório de Lucena (2023) detalha os preâmbulos da Primeira Guerra Mundial e como as condições de humilhação impostas à Alemanha pelo Tratado de Versalhes após a guerra foram fundamentais para o surgimento do nazifascismo. Lucena destaca que a reação alemã às sanções humilhantes do tratado e à crise econômica subsequente fomentaram o nacionalismo extremo e a busca por um líder autoritário que promettesse restaurar a glória perdida da Alemanha. Essa seção também discute o papel da cultura alemã (*Kultur*)<sup>2</sup> e como ela influenciou a aceitação do nazifascismo entre a população.

Lucena (2023) avança para a análise do novo nazifascismo, identificando como crises econômicas contemporâneas, como a crise imobiliária de 2008 e a crise da zona do euro em 2010, criaram um terreno fértil para o ressurgimento de ideias totalitárias:

O Novo Nazifascismo emerge como resultado dos desdobramentos econômicos, políticos e sociais resultantes das crises cíclicas do modo de produção capitalista. Não queremos aqui estabelecer relações anacrônicas entre o Novo Nazifascismo e o Nazifascismo alemão. Contudo, o que percebemos é que os mesmos fundamentos, inerentes às décadas de 30 e 40 do século XX na Alemanha, se

---

<sup>2</sup> O *kultur* alemão é explicado por Elias (1994) e também pelo texto online de Namuholopa (2017) e é fundamental para o entendimento do surgimento do novo e do clássico nazifascismo.

apresentam no período em que aqui estudamos (Lucena, 2023, p. 122).

O relatório menciona figuras-chave, como Steve Bannon, que desempenharam papéis significativos na propagação do novo nazifascismo. As semelhanças entre os contextos históricos do nazifascismo original e as condições atuais são destacadas, mostrando a relevância contínua dessas ideologias em tempos de crise:

Para Bannon, toda a cultura ocidental está em uma crise sem precedentes manifesta no modo de produção, na fé e na religião, acompanhado pela crise dos princípios judaicos cristãos que fundamentam toda a civilização. Estes princípios se centram nos pressupostos do tradicionalismo, sendo uma das características principais do Novo Nazifascismo. O que se busca é uma volta a valores do passado que neguem o iluminismo e o liberalismo do século XIX (Lucena, 2023, p. 141).

A última parte do relatório discute a ascensão de teorias da conspiração, como o terraplanismo, e seu impacto na educação:

O terraplanismo não possui nenhuma comprovação científica sustentada em universo repetitivo de afirmações sobre sua veracidade potencializado pelas redes sociais. Nesse sentido, a negação científica de seus pressupostos coloca a ciência e seus resultados em um universo conspirativo sem qualquer embasamento (Lucena, 2023, p. 176).

Lucena (2023) critica a falta de cientificidade dessas teorias e como elas são usadas para minar a liberdade acadêmica e promover pedagogias autoritárias. O objetivo do autor ao tratar sobre o terraplanismo é demonstrar que a estratégia política utilizada se baseia em desmerecer qualquer pessoa que sustente pontos de vista diferentes. Utiliza-se de uma linguagem cheia de símbolos e apelos emocionais, tornando-se o porta-voz dos menos informados. O ódio se transforma em um objetivo por si só, tanto para aqueles que o propagam quanto para os que se opõem a ele. O autor conclui que o crescimento do novo nazifascismo está intimamente ligado às crises econômicas cíclicas do capitalismo. Ele argumenta que essas crises não apenas agravam os conflitos sociais, mas também facilitam a adoção de ideologias totalitárias que prometem soluções simples para problemas complexos. O relatório alerta para a necessidade de vigilância constante e resistência contra essas ideologias, promovendo a democracia e a liberdade.

Ressalta-se que o fascismo foi uma experiência que ocorreu em um contexto histórico específico e que não se repete da mesma forma atualmente, como acontece com outros fenômenos históricos. No entanto, é importante destacar que suas ideias continuam a ganhar força, adaptando-se e encontrando novas expressões na conjuntura mundial contemporânea, incorporando tendências, limites e possibilidades atuais (Guimarães e Pereira, 2020). Além disso, o capítulo presente não se coloca com a intenção de esgotar o tema, muito pelo contrário, inicia o tema com breves considerações e alerta sobre a necessidade de criticidade sobre o assunto.

De acordo com Eco (2002), o fascismo é uma ideologia política e social que exalta a ideia de uma nação homogênea, frequentemente liderada por um líder carismático e autoritário. É

caracterizado pelo culto da tradição, a recusa à modernidade, o irracionalismo, a glorificação da ação pela ação, a aversão e exclusão do que se mostra diferente, o elitismo popular e o nacionalismo extremo. Embora historicamente associado ao regime de Mussolini na Itália, Eco (2002) diz que o fascismo não possui uma filosofia monolítica, mas sim se trata de uma colagem de diversas ideologias políticas e filosóficas. Ele faz uma provocação: “É possível conceber um movimento totalitário que consiga juntar monarquia e revolução, exército real e milícia pessoal de Mussolini, os privilégios concedidos à Igreja e uma educação estatal que exaltava a violência e o livre mercado (Eco, 2002, p. 5)?”

O autor caracteriza essa ideologia política em diversos aspectos interconectados. O culto da tradição enfatiza uma suposta sabedoria ancestral, rejeitando o progresso e a modernidade. Paradoxalmente, apesar de utilizar tecnologias modernas, o fascismo condena o racionalismo e os valores da Revolução Francesa, configurando-se na recusa da modernidade (Eco, 2002).

Além disso, o fascismo promove o irracionalismo ao exaltar a ação pela ação, desconsiderando a reflexão crítica e intelectual. A rejeição das críticas é um aspecto central, pois qualquer forma de discordância é rapidamente suprimida, sendo incompatível com a necessidade de uniformidade e conformidade ideológica exigida pelo fascismo. Outro traço marcante é o medo da diferença, que rejeita a diversidade e utiliza o medo do diferente para unir seus seguidores contra os "intrusos" ou grupos externos, exacerbando a visão homogênea e exclusivista da sociedade (Eco, 2002).

O apelo à frustração da classe média é uma estratégia eficaz, pois apela às classes médias que se sentem desvalorizadas

por crises econômicas ou humilhações políticas e ameaçadas pela ascensão de grupos sociais subalternos. No contexto contemporâneo, onde os antigos proletários se transformam em pequena burguesia, o fascismo encontra um público receptivo nessa nova maioria. Essas classes médias frustradas veem no fascismo uma solução para restaurar seu status e segurança, tornando-se um terreno fértil para o crescimento de ideologias autoritárias (Eco, 2002).

O fascismo fomenta um nacionalismo exacerbado e a ideia de uma conspiração contra a nação, oferecendo às pessoas privadas de identidade social o privilégio de sua nacionalidade. Para manter seus seguidores em estado de sítio e medo constante, apela à xenofobia e identifica inimigos internos e externos. A dualidade do inimigo manipula a percepção de seus seguidores, fazendo-os sentir humilhados pela riqueza e força ostensiva do inimigo, enquanto simultaneamente convencendo-os de que podem derrotá-lo. Essa dualidade cria um deslocamento retórico constante, onde os inimigos são apresentados como fortes demais para instilar medo, mas também fracos o suficiente para serem derrotados, mantendo a moral combativa alta (Eco, 2002).

A vida para a luta é outro conceito fundamental, onde a existência é vista como uma guerra constante, pensamento adquirido com os povos germânicos. O pacifismo é visto como traição, pois contraria a necessidade de confronto permanente, criando o "Complexo de Armagedon", uma crença em uma batalha final necessária para derrotar os inimigos e instaurar uma era de paz. No entanto, essa utopia final entra em contradição com o princípio fascista de guerra contínua, já que alcançar uma paz definitiva anula a justificativa para o estado de luta constante (Eco, 2002).

O elitismo popular é um paradoxo dentro do fascismo, onde todos os cidadãos são considerados parte do melhor povo do mundo, mas dentro de uma hierarquia estrita. Os membros do partido são vistos como os melhores cidadãos, e todos são encorajados a se tornarem membros. Este elitismo implica desprezo pelos subordinados, com o poder do líder baseado na fraqueza das massas, vistas como necessitando de um dominador forte (Eco, 2002).

O culto ao heroísmo é intimamente ligado ao culto da morte, glorificando o sacrifício como a melhor recompensa para uma vida heroica. O herói fascista não apenas aceita a morte, mas busca-a ativamente, acreditando que ela lhe confere honra suprema. Esta mentalidade pode levar à glorificação da violência e ao sacrifício de vidas, tanto do próprio herói quanto de outros, em nome da causa fascista (Eco, 2002).

O machismo fascista manifesta-se no desprezo pelas mulheres e na intolerância a sexualidades não-conformistas. Incapaz de lidar com a complexidade do sexo, o herói fascista transfere seu poder para as armas, símbolos de sua constante inveja fálica, reforçando a agressividade e a violência típicas da ideologia fascista (Eco, 2002).

O populismo qualitativo transforma o povo em uma entidade única expressando a "vontade comum", que o líder interpreta, negando a necessidade de representação democrática. Isso transforma o povo em uma ficção, com a resposta emocional de um grupo pequeno sendo tomada como a "voz do povo", opondo-se à legitimidade dos governos parlamentares e promovendo a autoridade centralizada do líder (Eco, 2002).

Por fim, o vocabulário pobre proposital, inspirado na "novilíngua" de Orwell, é utilizado para limitar o pensamento crítico e complexo. Essa linguagem simplificada é usada em textos



e discursos para manipular e controlar a população, dificultando a reflexão crítica e promovendo a conformidade (Eco, 2002).

O fascismo tende a surgir em contextos de crise econômica, social e política. Historicamente, desenvolveu-se na Itália pós-Primeira Guerra Mundial e na Alemanha durante a crise econômica e política da República de Weimar. Pode florescer em qualquer sociedade que enfrenta instabilidade, medo e descontentamento com o status quo (Eco, 2002).

Tal ideologia alimenta-se da frustração e do desespero das classes médias e baixas, que se sentem ameaçadas por crises econômicas ou humilhações políticas. Busca apoio entre aqueles que percebem uma perda de identidade e status social, se aproveitando de períodos de instabilidade ao oferecer uma retórica de unidade nacional e soluções simples para problemas complexos (Eco, 2002).

Pode-se pensar que esse texto de Umberto Eco foi escrito atualmente, mas ele faleceu em 2016, e as características parecem “mais perto do que perto” nos governos recentes pelo mundo, não é mesmo? Não é coincidência. Para tanto, este artigo se faz justificado pois a capacidade de ideias fascistas de adaptar-se e manifestar-se de várias formas torna necessária a vigilância constante para prevenir seu ressurgimento e proteger os valores democráticos e a liberdade. O passado é nos dias de hoje mais presente do que nunca, demonstrando que a história não é fluida ou líquida, como têm sustentado muitos escritores contemporâneos e sua repetição se explica devido à característica cíclica do capitalismo, que se renova através de crises a cada contradição instaurada em seu seio.

Lucena (2023) explica o funcionamento do capitalismo, baseando-se nas obras de Marx, através da interação entre capital financeiro e produtivo. O capital financeiro, representado pelos

bancos, empresta dinheiro para as empresas investirem na produção, aumentando a exploração da mais-valia e permitindo a devolução dos empréstimos com juros, alimentando tanto a acumulação produtiva quanto a bancária. Quando ocorre uma crise de liquidez, como a de 2008, todo o metabolismo reprodutivo do capital é afetado, impactando economias globalmente devido à centralidade dos Estados Unidos no mercado financeiro.

Lucena (2023) destaca que essa dinâmica cria um capital fictício, conforme ele cita Silva (2009), quando o capital que gera juros começa a atuar por meio de especulação e acumulação futura, desconectado de sua base material real, como ocorre com os títulos públicos, surge o capital fictício. Este tipo de capital se caracteriza pela natureza ilusória dos rendimentos, que aparentam vir do capital gerador de juros, mas na verdade não têm uma base concreta, e é descolado de sua base real, ao operar com especulação e acumulação futura. Lucena (2023) também acrescenta que, após a crise de 2008, originada nesse problema do capital fictício, os EUA buscaram manter sua hegemonia global através de estratégias políticas e econômicas, protegendo suas empresas e pressionando diplomaticamente outras nações, como sempre ocorre nesses momentos em que o capital exige dos centros mundiais do poder uma tomada de atitude que restaure o equilíbrio do capitalismo, colocando em uma situação econômica pior os países periféricos, que pagam a conta da crise.

A estabilidade econômica na periferia é essencial para a estabilidade dos países centrais, e crises em uma região podem desencadear problemas em outras, refletindo a interdependência do capitalismo global. Em essência, essa parte do texto do Lucena (2023) ilustra como a interação entre capital financeiro e produtivo e a gestão estratégica das crises são fundamentais para a manutenção da hegemonia capitalista.

O fascismo costuma crescer porque oferece respostas fáceis e aparentemente fortes para crises sociais e econômicas. Ele explora o medo e a insegurança das pessoas, prometendo um retorno a uma suposta grandeza passada. O fascismo cria inimigos internos e externos para unir a população contra um inimigo comum, utilizando a propaganda e a manipulação das emoções para consolidar o poder (Eco, 2002).

## **2. O novo nazifascismo - tempos atuais**

Observando os governos de Jair Bolsonaro (2019-2022) e Donald Trump (2017-2020), pode-se fazer uma análise comparativa. Nos últimos anos, os governos de Jair Bolsonaro no Brasil e Donald Trump nos Estados Unidos foram alvo de intensos debates e análises, frequentemente sendo associados a características fascistas. Embora nenhum desses governos tenha se declarado explicitamente fascista, suas ações, retóricas e políticas exibem elementos que podem ser relacionados ao fascismo. Esta seção deste artigo se ocupa em analisar essas características, relacionando-as a outros governos contemporâneos e passados, para entender onde, como e por que essas tendências surgem, configurando o que se denomina novo nazifascismo, ou neofascismo.

Ao analisar o caso do governo Bolsonaro (2019-2022) no artigo Neofascismo, neoliberalismo e direito do trabalho no governo Bolsonaro, Dutra e Lima, baseadas na leitura de outros autores citados em seu artigo sobre o assunto afirmam que:

[...] sobretudo no caso brasileiro observou-se, com a pandemia, um deslocamento consistente desses entendimentos, tendo em vista que os atos do presidente Jair Bolsonaro – incitação ao contágio, negacionismo científico,

invocação do sacrifício em prol da economia e do nacionalismo, política de morte – revelaram não apenas um flerte com elementos neofascistas, sobretudo em sua matriz neoliberal (Dutra e Lima, 2023, p. 1780).

Pensando os parâmetros comuns que permeiam esses governos tão defendidos pelas populações, animadas pelo ideal neofascista, tem-se o culto à tradição, que permeia o governo Bolsonaro (2019-2022), o qual frequentemente exalta os valores tradicionais brasileiros, como a família e a religião, rejeitando movimentos progressistas como o feminismo e os direitos LGBTQIAPN+. Como expressado por Guimarães e Pereira (2020), “Jair Bolsonaro [...] ganha fôlego na corrida presidencial com bandeiras neoconservadoras, sendo algumas mais expressivas em defesa da família tradicional e o combate à corrupção[...]”. O governo de Trump (2017-2020), por sua vez, promoveu o lema “*Make America Great Again*”, apelando a uma suposta era dourada do passado americano, rejeitando avanços sociais recentes.

Outro parâmetro neofascista é a recusa da modernidade, demonstrada no governo Bolsonaro (2019-2022) pela crítica aos avanços científicos e médicos, especialmente durante a pandemia de COVID-19, promovendo tratamentos não comprovados e desprezando a ciência, como o exemplo da Cloroquina (Sanchez e Magenta, 2020). Conforme Guimarães e Pereira (2020), “adiciona-se, ainda, o revisionismo histórico e o negacionismo científico como aspectos inerentes à política bolsonarista.” Ao passo que Trump desacreditou a ciência climática e a pandemia de COVID-19, promovendo teorias de conspiração e tratamentos não testados.

Estes governos também valorizam o irracionalismo, quando Bolsonaro incentiva a ação rápida e pouco refletida, como

políticas de desregulamentação ambiental sem consideração das consequências a longo prazo, em conformidade com o que diz Guimarães e Pereira (2020), “no primeiro ano de mandato , a agenda de campanha de Bolsonaro foi cumprida [...] através da aprovação da contrarreforma da previdência e trabalhista, privatizações [e] flexibilização da legislação ambiental para fins de exploração [...]”, enquanto Trump promove políticas baseadas em impulsos e intuição, frequentemente ignorando dados e análises científicas.

Os governos neofascistas têm também uma forte rejeição às críticas, o que é demonstrado por Bolsonaro ao demonizar a imprensa, como demonstra o jornal Folha de São Paulo, “o presidente Jair Bolsonaro atacou a imprensa ao menos 87 vezes no primeiro semestre de 2021” e qualquer forma de oposição política, frequentemente chamando-os de “inimigos do povo” e Trump, ao chamar a imprensa de “*fake news*”, constantemente atacando críticos e criando um ambiente onde a discordância é vista como traição.

Um parâmetro destaque que permeia tal idealismo de governo é o medo da diferença, quando Bolsonaro usa a retórica anti-indígena e anti-LGBTQIAPN+, além de políticas que marginalizam grupos minoritários e Trump implementa políticas anti-imigração, como a proibição de viagens de países majoritariamente muçulmanos, e fez declarações racistas contra diversas minorias.

O apelo à frustração da classe média é o ninho do neofascismo, sendo ilustrado pela promessa de Bolsonaro de restaurar a ordem e a segurança, apelando a uma classe média frustrada com a corrupção e a violência urbana, ao passo que Trump apela aos trabalhadores brancos que se sentem deixados para trás pela globalização e pelas políticas econômicas liberais.

O nacionalismo e obsessão pelo complô são características comuns a tais governos, o que se exemplifica quando Bolsonaro enfatiza a ameaça de uma conspiração comunista e promove a ideia de que o Brasil estava sendo ameaçado por inimigos internos e externos. E do mesmo modo, Trump, conforme Edelman (2021), frequentemente menciona teorias de conspiração, como a interferência eleitoral e a "*deep state*" para fomentar a desconfiança e a divisão. Isso leva à criação da dualidade do inimigo, quando Bolsonaro pinta adversários políticos e ONGs como poderosos demais, mas ao mesmo tempo, vulneráveis à sua liderança forte e Trump descreve imigrantes e o Partido Democrata como ameaças existenciais, mas também como fracassados e ineficazes.

Uma característica muito comum no modo de pensar e viver dos neofascistas é a lógica de viver para a luta e o culto ao heroísmo, demonstrada no governo Bolsonaro quando ele promove uma visão de constante conflito contra o comunismo e a corrupção, apresentando-se como o único capaz de proteger a nação e glorifica a ditadura militar brasileira, apresentando-se como um herói que salvaria o Brasil, ao passo que Trump incentiva um estado de luta contínua contra inimigos políticos e ideológicos, alimentando um ambiente de constante tensão e apresenta-se como um salvador da nação, frequentemente colocando-se como um herói que combate inimigos internos e externos.

Além disso, apresenta-se também no neofascismo o elitismo popular, que se ilustra quando Bolsonaro promove a ideia de que seus apoiadores são os verdadeiros patriotas, os únicos capazes de salvar o Brasil e Trump diz que seus apoiadores eram os "verdadeiros americanos", frequentemente desvalorizando aqueles que se opunham a ele.

O machismo fascista é demonstrado por esses governos de diversas formas e em vários momentos, quando Bolsonaro faz diversas declarações misóginas e homofóbicas, reforçando papéis de gênero tradicionais e intolerância a identidades de gênero não conformistas e Trump, que é conhecido por suas declarações sexistas e pela desvalorização das mulheres, além de implementar políticas que restringem direitos LGBTQIAPN+.

Outra característica sustentada é o populismo qualitativo, confirmado por Bolsonaro quando ele frequentemente apela a seus seguidores através das redes sociais, deslegitimando o Congresso e outras instituições democráticas e Trump se utiliza dessas redes para se comunicar diretamente com seus apoiadores, ignorando as vias tradicionais de comunicação governamental e frequentemente atacando o Congresso e a mídia.

Por fim, o vocabulário pobre proposital é exemplificado pelo uso da linguagem simplificada e populista por Bolsonaro e Trump para atrair seus seguidores, muitas vezes desqualificando o discurso acadêmico e complexo, o que faz com que a população seja levada a pensar cada vez menos e a se acostumar com o simples e fácil, perdendo a capacidade de refletir e criticar.

## **2.1. Disseminação do neofascismo: para além de Bolsonaro e Trump**

Diversos governos ao redor do mundo têm exibido características associadas ao neofascismo, similares às identificadas por Eco (2002) no Ur-Fascismo. Viktor Orbán na Hungria promove um nacionalismo exacerbado e restringe a liberdade de imprensa, enquanto Recep Tayyip Erdoğan na Turquia consolida seu poder suprimindo a oposição política e utilizando narrativas de conspiração. Narendra Modi na Índia marginaliza minorias,

especialmente muçulmanos, com sua agenda nacionalista hindu. Matteo Salvini na Itália e Marine Le Pen na França promovem políticas anti-imigração e utilizam retórica nacionalista para deslegitimar as instituições democráticas tradicionais (Filgueiras, 2020).

Esses líderes e seus governos compartilham traços comuns do fascismo, como o nacionalismo extremo, a rejeição das críticas, o medo da diferença e o desprezo pela democracia. Utilizam a retórica populista para apelar diretamente ao povo, deslegitimando as instituições estabelecidas e promovendo uma visão homogênea e exclusivista da sociedade. Essas características refletem tendências autoritárias e antidemocráticas, demonstrando como ideologias neofascistas podem se adaptar e manifestar-se em diferentes contextos contemporâneos (Filgueiras, 2020).

Um outro aspecto muito utilizado por esses governos é a política restritiva, na qual há a implementação de políticas que restringem liberdades civis e direitos humanos. Na Hungria, Orbán restringiu os direitos dos refugiados e atacou ONGs, unindo esforços para controlar e manipular instituições democráticas (Sahuquillo, 2018).

A ascensão de Bolsonaro e Trump foi marcada por um descontentamento generalizado com o *establishment* político, insegurança econômica e medo da mudança social. Líderes autoritários exploram esses medos, oferecendo soluções simples e fortes figuras de liderança para problemas complexos.

A análise dos governos de Bolsonaro e Trump revela preocupantes paralelos com características fascistas, desde o nacionalismo exacerbado até o desprezo pelas instituições democráticas. Outros líderes globais, como Orbán e Erdoğan, exibem traços semelhantes, mostrando que o fascismo não é um fenômeno confinado ao passado. Em tempos de crise, essas características podem ressurgir, exigindo vigilância constante e



uma defesa robusta dos valores democráticos. A compreensão dessas tendências é crucial para prevenir a repetição dos erros históricos e assegurar a preservação da liberdade, justiça e principalmente da democracia.

### **3. Inovações tecnológicas no contexto neofascista**

Até aqui este capítulo ocupou-se em situar o tema em sua atualidade para poder então introduzir o impacto do uso das tecnologias no trabalho docente, e mostrar como este uso, no modo como é feito, tem corroborado com a propagação do novo nazifascismo pelo mundo, por se somar ao seu modo de pensar acrítico.

O impacto das inovações tecnológicas no trabalho docente está profundamente ligado à precarização das relações de trabalho e à intensificação do controle e vigilância sobre os professores. A introdução de novas tecnologias educacionais, como plataformas de ensino a distância, softwares de gestão escolar, e a inteligência artificial, representada pelo chatGPT, prometeu facilitar o trabalho docente e ampliar o acesso à educação. No entanto, a realidade tem mostrado que essas tecnologias também trazem uma série de desafios e impactos negativos (Sousa, 2023).

Primeiramente, a inserção das tecnologias no ambiente educacional tem levado à intensificação do trabalho dos professores. A expectativa de estar disponível para os alunos a qualquer momento, combinada com a necessidade de dominar novas ferramentas tecnológicas, aumenta a carga de trabalho e o estresse entre os docentes. Além disso, a precarização das relações de trabalho se manifesta na forma de contratos temporários e falta de estabilidade, agravada pela crescente dependência de

plataformas tecnológicas controladas por grandes corporações (Gjergji e Denunzio, 2023).

Além disso, a vigilância e o controle sobre os professores aumentaram significativamente com a adoção dessas tecnologias. Sistemas de monitoramento algorítmico permitem uma supervisão constante do desempenho dos docentes, muitas vezes baseada em métricas quantitativas que não refletem a qualidade real do ensino. Esse controle exacerbado reduz a autonomia dos professores, limitando sua capacidade de inovar e adaptar o ensino às necessidades específicas de seus alunos (Previtali e Fagiani, 2023).

Ademais, o uso intensivo de tecnologias educacionais tende a desumanizar o processo de ensino e aprendizagem, transformando a educação em um processo mecanicista e padronizado (Antunes, 2023). A padronização dos currículos e a utilização de plataformas de ensino a distância podem ignorar as realidades locais e as necessidades individuais dos alunos, criando uma educação homogênea e excludente.

O trabalho remoto, amplamente adotado durante a pandemia de COVID-19, trouxe mudanças significativas para o setor educacional. Enquanto proporcionou flexibilidade e continuidade do ensino durante períodos de isolamento social, também expôs e ampliou desigualdades existentes. Conforme a conclusão do estudo feito por Gjergji e Denunzio (2023, p. 279), “o estresse psicofísico, os horários prolongados, a intensificação dos ritmos de trabalho, [...] e a subsequente complexidade acrescida das relações sociais são dos aspectos mais críticos da experiência acumulada no ensino on-line”.

De acordo com Antunes (2023, p.29), em seu primeiro capítulo do livro *Icebergs à deriva*, é importante considerar que, apesar dos muitos aspectos negativos, existem benefícios reais e

significativos, como maior controle sobre o tempo de trabalho, a eliminação do tempo gasto no deslocamento entre casa e trabalho, a possibilidade de uma alimentação mais adequada e a oportunidade de dedicar mais tempo ao trabalho doméstico e aos cuidados com a família.

Professores enfrentaram desafios técnicos e logísticos, como a falta de acesso adequado à tecnologia e à internet, além de uma carga de trabalho exacerbada pela necessidade de adaptação rápida a novas ferramentas digitais. Esse modelo também intensificou a vigilância e o controle do trabalho, com plataformas de ensino a distância monitorando cada aspecto de suas atividades, muitas vezes à custa de sua autonomia profissional (Gjergji e Denunzio, 2023). Foi-se a pandemia e ficou sua herança, ela não fez mais que acelerar um processo que já vinha engatinhando.

Além disso, para muitas professoras que também são mães e donas de casa, o trabalho remoto em casa causou estresse e atenção difusa, uma vez que precisaram conciliar suas responsabilidades profissionais com os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. Esse acúmulo de funções não só aumentou o nível de estresse, mas também prejudicou a qualidade da interação professor-aluno, reduzindo o contato pessoal e a troca direta de experiências que são fundamentais para o processo educativo (Gjergji e Denunzio, 2023). Portanto, é crucial equilibrar os benefícios da tecnologia com a necessidade de manter a qualidade e a humanização do ensino, assegurando suporte adequado aos educadores para que possam desempenhar suas funções de maneira eficaz e satisfatória.

A correlação entre os impactos do uso intensivo da tecnologia no trabalho docente e o novo nazifascismo reside na forma como esses dois fenômenos promovem a desumanização

e o controle das pessoas. O novo nazifascismo se alimenta de estruturas que enfraquecem a autonomia individual e promovem a conformidade, e o uso acrítico da tecnologia na educação contribui para essa dinâmica ao transformar a educação em um processo mecanicista e padronizado. A vigilância constante e a dependência de métricas quantitativas para avaliar o desempenho docente espelham a lógica autoritária, minando a criatividade e a liberdade de ensino. Gjergji e Denunzio (2023) argumentam que enquanto o objetivo do sistema educacional é formar indivíduos capazes de desenvolver seu conhecimento e habilidades de maneira eficiente, a tecnologia digital busca simultaneamente aproveitar-se desses indivíduos e exercer controle sobre eles.

O principal e pior impacto desse cenário é a robotização das pessoas, consequência do termo explicado por Lukács, a desantropomorfização (Lukács, 2013). Esse autor conceitua esse termo como resultado da subsunção real do trabalho ao capital, entendido como o processo que leva o trabalho vivo a se configurar como membro da máquina, ou seja, do trabalho morto. O homem passa aqui a não mais controlar o processo produtivo, sendo este guiado pela máquina, da qual o ser humano passa a fazer parte (Marx, 2022).

Antunes (2023, p.37) conclui que o trabalho vivo, cada vez mais objetificado e fetichizado, perde praticamente todo o controle sobre os novos maquinários informacionais e digitais. Quando não é eliminado pelo desemprego, subordina-se ainda mais profundamente ao capital, sem sequer compreender as engrenagens em funcionamento na nova fábrica digital, comandada por algoritmos, internet das coisas, inteligência artificial, entre outros avanços tecnológicos.

Este capítulo traz uma reflexão sobre o termo desantropomorfização, demonstrando que, com o advento do neofascismo,

as tecnologias impactam os seres humanos além do mundo do trabalho. Considerando que, para Marx e Engels (2007, p. 87), a reprodução da materialidade da vida humana ocorre por meio do trabalho, “o que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” e as tecnologias podem promover uma robotização do ser humano, integrando-o à máquina. Esse processo transforma o indivíduo, moldando-o aos interesses do capital, resultando na “maquinização” de si mesmo.

Diante disso, a educação, que deveria ser um processo profundamente humano e interativo, corre o risco de se tornar uma atividade desprovida de empatia e conexão pessoal. Ao priorizar a eficiência tecnológica sobre a interação humana, corremos o risco de criar um sistema educacional que não apenas falha em atender às necessidades emocionais e intelectuais dos alunos, mas também contribui para a formação de indivíduos que aceitam passivamente a autoridade e a conformidade. Esse processo de desumanização é alarmantemente semelhante aos princípios do novo nazifascismo, que busca o controle total e a supressão da diversidade e do pensamento crítico. Portanto, é essencial que a integração da tecnologia na educação seja feita de maneira consciente e crítica, garantindo que o ensino permaneça centrado nas necessidades humanas e no desenvolvimento integral dos indivíduos.

Porém o que se observa historicamente, é que as inovações tecnológicas aliadas ao capitalismo são utilizadas de forma a priorizar o capital em detrimento da qualidade de vida da classe trabalhadora e dos interesses humanos, pois “na sua memória estrutural (dos dispositivos ou aplicações digitais) são codificadas respostas e soluções estabelecidas pelos organismos que os produzem, ou seja, as empresas capitalistas” (Gjergji e Denunzio, 2023, p. 277). A luta de classes observada por Marx tem o papel

de tentar frear esse movimento com o objetivo de defender a classe subjugada pelo capital, é o papel das políticas públicas e dos atores sociais que estão sempre na vanguarda crítica da sociedade.

Portanto, a análise dos impactos das inovações tecnológicas no trabalho docente revela uma relação intrínseca com a lógica do novo nazifascismo, que busca aumentar a produtividade e o controle às custas da qualidade e da humanização do ensino. É essencial que educadores, pesquisadores e formuladores de políticas trabalhem juntos de forma democrática para desenvolver abordagens críticas e humanizadas para a integração da tecnologia na educação, garantindo que ela sirva aos interesses dos alunos e professores, e não apenas ao capital, mesmo que as contradições não sejam favoráveis, o ideal é que as inovações tecnológicas tragam mais qualidade de vida para a classe trabalhadora principalmente e não que a escravize em prol do lucro do capitalista.

## Referências

ANTUNES, Ricardo Trabalho e (des)valor no capitalismo de plataforma: três teses sobre a nova era de desantropomorfização do trabalho. in: ANTUNES, Ricardo. (org.). **Icebergs à deriva: o trabalho nas plataformas digitais**. São Paulo, Boitempo, 2023.

DUTRA, Renata Q.; LIMA, Renata S. Neofascismo, neoliberalismo e direito do trabalho no governo Bolsonaro In: **Revista Direito e Práxis**: Rio de Janeiro, V. 14, n. 3, p.1771-1804, 2023.

ECO, Umberto, O Fascismo Eterno, in: **Cinco Escritos Morais**, Tradução: Eliana Aguiar, Editora Record, Rio de Janeiro, 2002.

EDELMAN, Adam. **Trump railed against the 'deep state,' but he also built his own. Biden is trying to dismantle it**. NBC News. 28 fev.

2021. Disponível em <https://www.nbcnews.com/politics/politics-news/trump-railed-against-deep-state-he-also-built-his-own-n1258385>  
Acesso em 18 ago. 2024.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jung-man. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1994. p. 23-24.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã**. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2007.

FILGUEIRAS, Luiz. **EUA**: o neofascismo perde seu farol. Opera Mundi. 11 nov. 2020. Disponível em:  
<<https://operamundi.uol.com.br/analise/eua-o-neofascismo-perde-seu-farol/>> Acesso em 16 ago. 2024.

GJERGJI, Iside; DENUNZIO, Fabrizio. Digitalização e trabalho dos professores: o exemplo da Itália. In: ANTUNES, Ricardo (org.).

**Icebergs à deriva**: o trabalho nas plataformas digitais. São Paulo: Boitempo, 2023. P. 267-285. ISBN 9786557172322.

LUCENA, Carlos. **O novo nazifascismo**. Relatório final de pesquisa pós-doutorado. Campinas, Unicamp, Faculdade de Educação, 2023.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. Tradução: Nélío Schneider, São Paulo, Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Capítulo VI (inédito): manuscritos de 1863-1867**. In: O capital, Livro I. Tradução: Ronaldo Vielmi Fortes, São Paulo, Boitempo, 2022.

MELLO, Patrícia Campos. **Bolsonaro atacou imprensa 87 vezes no primeiro semestre de 2021, aumento de 74%, diz entidade**. Folha de São Paulo, 28 jul. 2021. Disponível em:  
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/bolsonaro-atacou-imprensa-87-vezes-no-primeiro-semester-de-2021-aumento-de-74-diz-entidade.shtml?origin=folha>. Acesso em: 15 ago. 2024.

NAMUHOLOPA, Oscar M. F. Kultur, civilization e o imperialismo cultural. **Teoria Sociológica Dois**. set. 2017. Disponível em:

[http://teoriasociologicadois.blogspot.com/2017/09/kultur-civilization-e-o-imperialismo\\_24.html](http://teoriasociologicadois.blogspot.com/2017/09/kultur-civilization-e-o-imperialismo_24.html) Acesso em: 16 ago. 2024.

ECO, Umberto. **14 lições para identificar o neofascismo e o fascismo eterno**. Opera Mundi, 21 fev. 2016. Disponível em:

[https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/umberto-eco-14-lico-es-para-identificar-o-neofascismo-e-o-fascismo-eterno/#\\_ftnref1](https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/umberto-eco-14-lico-es-para-identificar-o-neofascismo-e-o-fascismo-eterno/#_ftnref1). Acesso em 16 jun. 2024.

SAHUQUILLO, María R. **Hungria aprova a polêmica lei que criminaliza a ajuda aos imigrantes**. El Pais, 21 jun. 2018. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/21/actualidad/1529586785\\_301024.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/21/actualidad/1529586785_301024.html) Acesso em: 18 ago 2024.

SANCHES, Mariana e MAGENTA, Matheus. **Bolsonaro e Trump radicalizam**: as semelhanças entre os líderes na pandemia de

coronavírus. BBC News Brasil. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52361730> Acesso em: 18 ago 2024.

SILVA, Giselle Souza. Capital portador de juros e programas de transferência de renda: monetarização das políticas sociais e contrarreforma In: **Revista Política Pública**: São Luís, V.13, n.2, p.173-181, jul/dez 2009.

SOUSA, Ana Paula. **A indústria 4.0 e as mudanças no mundo do trabalho e da educação**: qualificação e precarização. 2023. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38798>. Acesso em: 17 jun. 2024.

PREVITALI, Fabiane S.; FAGIANI, Cílon C. A educação básica sob a tecnologia digital e a subsunção do trabalho docente: diálogos entre Brasil e Portugal. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Icebergs à deriva**: o trabalho nas plataformas digitais. São Paulo: Boitempo, 2023. p. 287-306. ISBN 9786557172322.